

RUBEM BRAGA

SEGALL

EU estava em Buenos Aires quando soube da morte de Lazar Segall, e essa notícia me doeu e me deixou triste e de um certo modo indignado, como uma pessoa que foi traída. Dias antes eu estava pensando exatamente que há muito tempo não ia a São Paulo, e que há muito mais tempo ainda não ia à casa de Segall — eu tinha sentido saudade do pintor e de suas coisas.

Voltei em pensamento à casa de Vila Mariana e me lembrei de uma conversa que tive com o pintor sobre a sua própria casa. Não sei mais o que eu disse sobre o ambiente, as coisas novas e antigas, e ele concordou comovido e acrescentou que para ele a coisa mais importante numa casa era ter paz. Claro — disse eu — e juntei que ele devia se sentir feliz, nenhuma casa tinha mais paz que a sua, naquele lugar quieto e discreto, ele com dona Jenny e os dois rapazes. Mas Segall disse que não estava se referindo a isso, o que falava não era de paz, era de pais; o que ele queria dizer era que a casa de um homem deve lembrar de algum modo a casa de seus pais, deve continuar no tempo alguma coisa do espírito e sentimento da casa antiga e das casas que vieram antes.

Assim era ele, um homem profundamente ligado à sua gente e ao seu sangue. Sempre achei infantil a observação de que sua pintura não era brasileira. Queriam acaso que ele pintasse papagaios? O que era grande nele era exatamente a sua autenticidade, a sua profunda e monótona devoção aos sonhos e tristezas de sua vida. Suas mulheres, fôssem qual fôssem o modelo, eram sempre judias — não por este ou aquele sinal físico, mas por aquêle indefinível ar de mistério e melancolia; eram judias remotas, vindas do fundo do Velho Testamento ancorar em São Paulo. O Brasil é um país bastante complexo para caber Lazar Segall, e ele seria falso se no lugar de pintar seus pinheiros, seus cavalos e pequenos bois de Campos do Jordão fôssem pintar coqueiros e macacos.

Tenho um pequeno óleo de Segall, e agora mesmo estive mirando, e me perguntando em que reside seu poderoso encanto. Há alguns cavalos descansando à sombra dos pinheiros. As verticais dos troncos finos e as moles horizontais meio curvas das costas e lombos dos animais em repouso; essas cores surdas, essa filtragem de tons, a sabedoria quieta dessas terras e verdes, tudo isso nos comunica um sentimento de sossêgo e de sutil harmonia.

Esse quadro como que me consola um pouco da morte de Segall; imagino-o enterrado ali, descansando para sempre na sombra da boa terra do Brasil; descansando em paz, porque cumpriu o seu dever.

Ele era, na verdade, um grande pintor. E a lição mais bela que nos deixa é a de fidelidade ao seu sentimento e à sua arte, o seu profundo desprezo por qualquer efeito fácil, por qualquer sugestão estranha ao seu próprio mundo, por qualquer modismo e qualquer concessão. Era um grande pintor, sóbrio e poderoso, esse que partiu.

372